

AS TRADIÇÕES GRECO-MACEDÔNICAS EM XEQUE? AS RELAÇÕES DE PODER NO EXÉRCITO DE ALEXANDRE III DA MACEDÔNIA (SÉC. IV A.C.) POR MEIO DA ANÁLISE DA VIDA DE ALEXANDRE DE PLUTARCO.

Francisco ROCHA¹

RESUMO: A partir de nossas análises acerca da conjuntura de Alexandre (séc. IV a.C.), pretendemos demonstrar que o seu contexto estava permeado pelo que denominamos de um embate político-cultural entre os valores adquiridos após a conquista da Ásia versus uma tradição macedônica cujas origens remontam ao exército de Filipe II e foram sintetizadas através da figura de seu general Clito. Ressaltamos aqui a preponderância Clito, figura central para a análise da movimentação de forças dentro do exército macedônio, pois acreditamos que o mesmo através de todo seu capital simbólico optou por rejeitar as novas aproximações político-culturais executadas pelo rei. No intento de interpretarmos estas negociações de força é que elencamos algumas temáticas que, para nós, são elementos que constituem o projeto de Império de Alexandre. Neste ponto, resgataremos alguns acontecimentos que marcaram essas relações de forças persas/greco-macedônicas que, somadas a posturas tomadas por Alexandre, corroboraram para uma cisão entre parte do exército macedônio e o rei.

Palavras-chave: Embates político-culturais, *Vidas Paralelas*, Alexandre III.

Este trabalho parte da problematização de um episódio inserido na vida de Alexandre III da Macedônia, narrado por Plutarco de Queroneia, conhecido como o “o assassinato de Clito”. Tal episódio é tido por Plutarco como um evento desditoso que marcou a vida do Rei macedônio, pois relata o protagonismo do mesmo, no assassinato de seu general e amigo Clito.

Em relação a Plutarco, o autor de nossa fonte, informamos que ele nasceu no século I d.C., por volta de 45 d.C. na cidade de Queroneia, interior da região da Beócia, cidade grega próxima a Tebas e Delfos, mas que fora anexada pelo Império Romano. Desta forma, pode-se notar a confluência cultural greco-romana no *métier* de Plutarco, que apesar de ser grego de origem, esteve ao longo das fases de sua vida sob égide de um governo romano².

O período histórico de Roma em que Plutarco viveu ficou conhecido como Principado, é dentro deste contexto que o autor trará para os governantes, por meio de sua célebre obra,

¹Pós-Graduando do Mestrado em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes – MG) sob a orientação da Profa. Dra. Helena Amália Papa (Depto. de História – Unimontes). E-mail: franciscorochahistoria@gmail.com

² Ver: JOSÉ, Natália Frazão. **A construção da imagem do imperador Augusto nas obras de Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) –Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2011.

Vidas Paralelas, os bons exemplos de líderes gregos que poderiam servir de esteio para governantes romanos.

Refletindo por essa ótica vemos o quanto às sociedades, mesmo na antiguidade, não estavam isentas de apropriações e ressignificações de práticas culturais, o que pode ser comumente detectado nos nossos dias, onde estamos constantemente sofrendo influências das mais diversas culturas. Pensando sob este prisma é que tomamos consciência de que a visão que temos da História perpassa por uma influência do mundo em que estamos inseridos, ou como nas palavras de March Bloch (1997), nós indivíduos nos parecemos mais com a nossa época do que com os nossos pais. O nosso tempo nos propicia uma realidade de um mundo unificado, globalizado pelas relações que se estreitaram com os avanços tecnológicos, em uma era imediatista na qual as práticas culturais tornaram-se somas de diversos outros elementos e de diversas outras culturas diferentes. Tais práticas refletem os anseios da sociedade que vivemos, como também direcionam para novos pensamentos. Levando em consideração que as experiências que vivenciamos não estão isentas de receberem influências de culturas distintas da nossa é que levamos o olhar para nossa documentação, buscando compreender o trânsito de aspectos culturais e práticas políticas forjadas no contexto de Alexandre.

Pretendemos aqui, adicionar outros elementos para entender o episódio do assassinato de Clito em si, e do contexto político em que o evento ocorreu, pois, em nossa abordagem, o evento fora sucedido por uma série de movimentos que delinearam uma clara aproximação por parte de Alexandre dos valores orientais. Tal movimentação do rei macedônio foi denominada por nós de: ***“Processo de Orientalização do rei”***.

É no intuito de compreendermos este processo de orientalização que elencamos quatro temáticas, que juntamente ao assassinato de Clito, irão desaguar em uma cisão entre parte do exército macedônio e o rei, já que, para nós, as mesmas ajudam a constituir esta aproximação oriental por parte de Alexandre. As nossas análises levaram em consideração acontecimentos que permearam a fase da conquista da Ásia, vivenciada pelos macedônios em territórios orientais. Neste ponto, resgataremos alguns destes acontecimentos somados a posturas tomadas por Alexandre, que contribuíram para uma cisão entre o exército macedônio e o rei.

Antes de realizarmos a exposição e discussão das temáticas que levaram ao acirramento do quadro de tensões entre o rei e seus comandados, apresentaremos brevemente a relatoria sobre o assassinato de Clito.

O Assassinato de Clito

O assassinato cometido por Alexandre III, do seu amigo e general Clito ocorreu no bojo das conquistas empreendidas pelos greco-macedônios durante a campanha de expansão dos territórios governados por Alexandre na região do atual Irã entre os anos de 330 a 327 a.C. O local do acontecimento é a capital Maracanda, onde fora celebrado um banquete aos dióscuros, (deuses gregos equivalentes a Cástor e Pólux da constelação de Gêmeos, defensores dos guerreiros e navegantes), e também em comemoração à titulação de Clito como o novo Sátrapa das províncias de Sogdiana e da Bactriana (MOSSÉ, 2004, p. 57). Clito era um nobre macedônio muito próximo do rei (ora a designação da satrapia já evidencia a confiança de Alexandre na pessoa de Clito); e foi junto de Parmênio um dos homens de confiança que serviu fielmente a Alexandre (BURN, 1963), inclusive salvando a vida do rei na batalha de Grânico.

O comportamento de Clito na noite do assassinato representa para nós uma atitude de um general que não se conforma com aproximação do seu rei com os valores orientais que foram adquiridos pós conquista.

Segundo as narrativas plutarqueanas, durante a comemoração de Clito como novo Sátrapa da Sogdiana e da Bactriana, certo cantor chamado Prânico, recitava versos que na visão do general macedônio, depreciavam os seus companheiros mortos em combate, a saber citamos:

No auge da bebedeira começaram cantorias de versos de tal Prânico [...] as quais os comandantes recentemente batidos pelos bárbaros eram desacreditados e metidos ao ridículo. Os convivas mais idosos mostraram-se indignados [...]. Alexandre e os amigos mais chegados, porém, ordenaram que o cantor prosseguisse, pois pareciam deliciar-se com que ouviam (PLUTARCO, *Alex*, seção 50).

Clito insiste em se opor a manifestação do cantor, e inicia-se a discussão

[...] não nos rejubilamos pela maneira que somos pagos por tanto sofrimento e invejamos a aventura daqueles que morreram antes de nos ver, a nós, macedônios, desancados pelos bastões dos medos e obrigados a implorar aos persas que conduzam à presença de nosso rei! (PLUTARCO, *Alex*, seção 51).

O desentendimento prossegue e Alexandre, incapaz de conter sua ira, atira uma maçã contra Clito e, em seguida, procura sua espada. Entretanto, Aristófanes, um dos guardas, antecedendo uma possível represália, coloca-a fora do alcance do rei. No fastígio de sua perturbação, Alexandre ordena que toquem as trombetas convocando o seu exército, porém o encarregado por fazê-lo nega a ordem do rei, evitando assim grande alarde do exército no acampamento (PLUTARCO, *Alex*, seção 51). Subsequentemente ocorre o desfecho da desavença:

Como Clito de forma alguma se acalmava, os amigos empurraram-no as duras penas para fora do recinto; mas Clito deu a volta e tentou entrar pelo outro lado, recitando com impertinência e audácia estes versos jâmbicos da *Andrômaca*, de Eurípidas: 'Ai que funesta usança impera na Grécia!' Imediatamente Alexandre, tomando a lança de um de seus guardas, trespassou-o de lado a lado, [...] Clito ruiu ao chão, gemendo e gritando (PLUTARCO, *Alex*, seção 51).

Buscaremos aqui evidenciar o quanto o assassinato de Clito representa historiograficamente para além do que as narrativas plutarqueanas nos apresentaram. A clara intenção de Plutarco em diminuir os contra-exemplos de Alexandre a fim de preservar e glorificar sua memória escamoteia um verdadeiro quadro de tensão que compunha o cenário político da época. A figura de Clito como já ressaltado era de extrema relevância tanto para o rei como para o exército. Seu comportamento na noite do assassinato representa para nós uma atitude de um general que não se conforma com o que chamaremos aqui de processo de orientalização do rei. Entendemos como processo de orientalização do rei, a adesão de Alexandre a práticas político-culturais dos povos recém conquistados.

No intento de interpretarmos este processo é que elencamos quatro temáticas que, para nós, ajudam a constituir este processo almejado por Alexandre.

A Adoção parcial da indumentária persa

A começar pelos relatos de Diodoro (XVII, p. 77, 4) apresentados pela historiadora francesa Claude Mossé (2004, p. 55) acerca da vida de Alexandre: “o luxo persa e a magnificência dos reis asiáticos” adotados gradualmente por Alexandre, teriam contribuído para o agravamento de um descontentamento generalizado entre o exército e os principais generais. A adoção parcial da vestimenta persa se apresenta aqui como um ponto negativo na visão das tropas. A mudança nas vestimentas reais mostrava a inserção por parte de Alexandre de um aspecto cultural dos persas, e que, segundo Plutarco, o uso da roupa chocava os macedônios. Mossé aponta que o modo de se trajar era um dos aspectos valorizados pelos gregos para se distinguirem dos “bárbaros”, alcançando a descrição de Xenofonte por meio da historiadora francesa, temos uma breve noção de como seria o traje real dos reis persas.

O próprio Ciro apareceu ao lado de fora [...] com uma tiara na cabeça, vestindo uma túnica de púrpura, com uma listra branca no meio – listra que só ele tem direito de usar. Cobriram-lhe as pernas uma calça vermelha escarlate e uma capa com mangas toda de púrpura. Trazia ainda um diadema em volta da tiara, marca de distinção usada também pelos parentes do rei ainda hoje [...] (XENOFONTE, livro VIII apud MOSSÉ 2004, p. 72).

Entretanto, Alexandre teria adotado apenas o diadema e a túnica de púrpura, preterindo a tiara e a calça, para que desse modo o impacto causado em seus companheiros fosse menor, a saber, Citamos:

Dali se foi para o país dos partos e, como dispusesse de tempo, vestiu pela primeira vez a roupa dos bárbaros, fosse para acomodar-se aos costumes locais – a comunidade de hábitos e costumes é de fato importante quando se procura conciliar os homens-, fosse por estar tentando introduzir furtivamente a prosternação entre macedônios que dessa forma iriam aos poucos aprendendo a suportar a mudança e a novidade de seu gênero de vida [...] No começo, só se trajava assim para tratar com os bárbaros ou estar entre os amigos, mas depois apareceu em público, quando saía a cavalo ou dava audiência (PLUTARCO, *Alex*, seção 45).

A preocupação por parte de Alexandre para que as suas mudanças fossem aceitas se refletia especificamente na sua relação com outros fiéis amigos, como é o caso dos generais Heféstion³ e Crátero⁴. O rei utilizava a figura de cada um desses, a seu modo, para canalizar

³ Nobre macedônio, amigo de infância de Alexandre, acompanhou-o durante toda a campanha da Ásia. Recebeu após 330 um importante comando e o título de quilarca, emprestado da hierarquia persa. Sua morte súbita em 324 atingiu profundamente Alexandre, que lhe concedeu funerais grandiosos e o elevou à posição de herói, instituindo festas em sua honra (MOSSÉ 2004, p. 226).

⁴ Um dos generais de Alexandre participou das três grandes batalhas da conquista da Ásia. Após a execução de Parmênio, recebeu o cargo de alto comando. Foi encarregado por Alexandre em 324 de trazer veteranos para Europa. Pôde, desse modo,

suas relações com os persas e com os macedônios respectivamente. Como pode ser denotado através do excerto abaixo:

Percebendo que, entre seus melhores amigos, Hefestion aprovava-o e vestia-se como ele, ao passo que Crátero continuava fiel aos costumes da pátria, serviu-se do primeiro para o trato com os bárbaros e do segundo para as relações com os gregos e macedônios. (PLUTARCO, *Alex*, seção 47).

Sabendo-se da imprescindibilidade de utilizar dessas figuras de tamanha representatividade como elo de diálogo para com os seus comandados, fica claro a preocupação de Alexandre em manter sua boa relação com exército, fazendo essa ponte, principalmente para com seus pares, pois a linha de acesso do rei ao exército começava a se tornar tênue devido às aproximações orientalizantes, por isso a busca por se fortalecer por meio de figuras importantes como as já citadas é parte constitutiva de um movimento rumo a uma tentativa de aceitação do seu processo de orientalização.

A cerimônia da proskynese

No transcorrer dos eventos sucessivos a conquista da Ásia, os soldados macedônios irão rejeitar a participação na cerimônia da *proskynese*. Esta se tratava de um hábito comum entre os asiáticos de se curvarem diante o rei com a mão na altura da boca. Ora, evidente que isso representava uma afronta para os macedônios que, como os gregos, se viam livres, portanto, prostrar-se era uma reverência que deveria ser dada somente aos deuses.

Na relatoria dos fatos Plutarco narra como Clito demonstrou na discussão com Alexandre, na noite de sua morte, sua total rejeição a esses dois adventos aqui pontuados. Tanto em relação a mudança da vestimenta do rei, como a adesão a cerimônia da *proskynese*.

Clito intimou Alexandre a explicar-se melhor ali mesmo, na presença de todos, ou então não mais convidar para sua mesa, homens livres e francos: frequentasse doravante bárbaros e estrangeiros, prontos a curvar-se diante o seu cinto persa e de sua túnica branca (PLUTARCO, *Alex*, seção 51).

Do sistema político administrativo do Império

ajudar Antípatro a conter gregos revoltados após o anúncio da morte de Alexandre. Participou em seguida da guerra contra Pérdicas e Eumênio e morreu em 321, lutando contra este último (MOSSÉ 2004, p. 224).

Ao que concerne a administração imperial, quando Alexandre conquistou a Pérsia, manteve o famoso sistema administrativo das Sátrapias. Segundo o historiador Luiz Alexandre Solano Rossi (2005) o sistema das Sátrapias em torno do qual o império funcionava, teve sua origem com o rei Quiaxares, sendo aperfeiçoado por Dario I. Os reis persas utilizavam de homens de sua confiança chamados de “olhos do rei”, para supervisionar os sátrapas que ficavam responsáveis por liderar as províncias, “os olhos do rei” estavam atentos a assuntos relacionados desde o pagamento de tributação, até as rebeliões (ROSSI, 2005, p. 106).

Após se casar com Roxana, uma princesa persa filha do Sátrapa Oxiartes, Alexandre passará integrar estrangeiros a administração e a defesa do império. Após a batalha de Gaugamela (331 d.C.), Alexandre entregou o governo das províncias recém conquistadas para sátrapas. Para Mossé (2004), isso se fez necessário devido à compreensão das línguas locais das províncias, o fato de ter um sátrapa que compreendia a língua local facilitaria a administração, e, além disso, politicamente seria visto com bons olhos pelos líderes locais, Mossé prossegue o raciocínio evidenciando o traço de cautela na ação de Alexandre em designar oficiais macedônios a cargo de supervisionar os sátrapas cujas missões confiadas eram basicamente a arrecadação de tributos destinados ao funcionamento da sátrapa e as manutenções das guarnições militares (MOSSÉ, 2004 p. 125).

A atitude do rei em relação à preferência pela permanência dos líderes locais teve de ser alterada devido a ocorrências circunstanciais⁵. As rebeliões em 325-324 a.C. levaram Alexandre a substituir sátrapas estrangeiros por alguns de seus companheiros macedônios, mantendo apenas seu sogro Oxiartes, e certo Fratafernes como sátrapa da Partia (MOSSÉ 2004, p.75). No caso específico da administração da Índia, não existia o sistema das sátrapias como nas regiões da Pérsia. Informamos que foi pelo uso da força que Alexandre fez com que sua autoridade fosse reconhecida pelos líderes locais. Em certa medida as ações de Alexandre denotam uma pretensão em conciliar os povos recém conquistados com os seus comuns, buscando em suas medidas diplomáticas agradar ambos os lados, como podemos notar nas expressões do próprio Plutarco

⁵ Boa parte de suas demais ações político-administrativas também se deram por motivos ocasionais e não partiram de um plano preestabelecido, como nos ratifica Mossé (2004, p. 125). Em relação a sua passagem ao Egito, informamos que Alexandre não só não alterou em nada a estrutura de governo, como adotou também o título de Faraó, dando mais uma prova de sua aproximação político-cultural para com povos recém-conquistados (N A).

Pelo modo de vida, assimilava os costumes do país enquanto tentava aproximar os nativos dos hábitos macedônicos. Calculava que a boa-vontade nascida dessa mistura e dessa comunidade de costumes, ajuda-lo-ia, mais que a força, a tornar estável seu poder quando fosse para longe (PLUTARCO, *Alex*, seção 47).

As bodas de Susa e a inserção de jovens persas no exército

Foi durante a ocorrência das “bodas de Susa” (324 a.C), quando Alexandre, após realizar vários casamentos de seus generais entre mulheres persas, anunciou que jovens daquela região seriam incorporados ao exército fazendo com que estes se tornassem futuros falangistas (MOSSÉ 2004, p. 58). O referido evento das bodas ocorreu posteriormente à morte de Clito, porém ele ainda evidencia como a rejeição do exército persistirá e terá continuidade ressurgindo em outros momentos da expedição de Alexandre pela Ásia. Como, por exemplo, na resistência dos soldados macedônicos ao se recusarem a prosseguir na expedição às margens do rio Hífaso, obrigando Alexandre a recuar.

Entretanto, ressaltamos que o processo de incorporação dos jovens para receber educação e treinamento militar macedônio (Mossé fala sobre cerca de 30.000 jovens estrangeiros), iniciou-se antes do assassinato de Clito (327 a.C.) e das mortes de Parmênio e Filotas, e só foi consumado próximo a 324 a.C. A partir daí ocorre à manifestação de rejeição dos macedônios, rejeição esta, que certamente já começara desde ordenamento do rei para que se cumprisse tal exigência. Nas palavras de Plutarco fora já com o treinamento concluído e os jovens agora “homens vigorosos” e aptos para servir ao exército, que “os Macedônios experimentaram muito despeito e receio à ideia de que doravante, o rei os teria em menor consideração.” (PLUTARCO, *Alex*, seção 71).

Contudo, Mossé (2004) alerta para o fato de que a inclusão de novos soldados se deu por necessidade. Alexandre, nesse momento, não estaria preocupado em unir macedônios e orientais envolto de um ideal em comum, mas sim necessitava de soldados o quanto antes devido a um atraso de contingentes que viriam a sua presença, conduzidos por Crátero. No que pese a importância das análises de Mossé, não acreditamos que somente a necessidade de novos falangistas explique a inserção de estrangeiros no império macedônico comandado por Alexandre. Em nossa visão, este é mais um elemento que deve ser coadunado aos outros para a composição de uma análise explicativa acerca do processo de orientalização do rei.

Adicionamos ainda em nossa análise, que as decisões realizadas pelo rei frente os novos rumos do exército, estariam asseguradas pelo argumento da divinização da figura de Alexandre. A essa altura da campanha, o líder dos Greco-macedônicos já não estaria mais preocupado em deliberar com seus generais em estado de *eclesia*⁶. Sob nossa perspectiva, a resposta para compreender essa mudança no comportamento do rei, estaria intimamente ligada com sua passagem visita ao oráculo de Amon, no Egito. Como veremos no excerto retirado da nossa documentação, Alexandre tinha se tornado o filho de Zeus, portanto a origem de seus soldados ou o cumprimento da lei tornou-se agora uma questão muito pequena diante o peso das escolhas do “filho de deus”.

Alexandre cruzou o deserto e chegou a seu destino, o profeta de Amon saudou-o da parte do deus como se ele fosse seu filho [...] Sustentam alguns que o profeta, querendo saudá-lo em grego com uma palavra afetuosa, chamou-o “Meu filho” [*O paidion*], mas em sua pronuncia bárbara, substituiu o *n* final por um *s*: *O pai Dios* “Filho de Zeus” (PLUTARCO, *Alex*, seção 27).

Sendo assim, em nossa análise, é indissociável levarmos em consideração esse elemento religioso, pois do ponto de vista político ele tornou-se essencial para que o governo de Alexandre fosse cada vez mais centralizador pautado em sua figura. Requerer a afirmação de sua autoridade sem questionamentos perpassava pelo advento da divinização. Portanto, podemos presumir que a “paternidade divina” pode ter sido utilizada para que as escolhas de Alexandre não fossem mais questionadas. O que notavelmente não foi bem aceito pelos seus companheiros, tendo em vista que novos focos de tensão ocorreram durante a campanha na Ásia. E como nos sugere Arriano e Plutarco, a rejeição do próprio Clito, figura de grande expressividade em seu contexto, argumenta toda sua insatisfação através de sua fala ao questionar Alexandre que agora exigia honras divinas e prosternações. Mais uma vez reforçamos o quanto Clito guardava consigo a síntese dessa reprovação da postura orientalizante e não a suportando, expôs sua recusa justamente na noite em que seria nomeado Sátrapa de províncias orientais.

Conclusão

⁶ Nas palavras de Arriano *Eclésia* corresponderia a uma espécie de assembleia entre o rei e seus comandados, esta seria dotada de poderes judiciais e era prática comum entre Alexandre e seus generais.

Enfim, como já pudemos demonstrar, a figura de Clito torna-se imprescindível em nossa análise em relação a trajetória de Alexandre e sua relação com parte de seu exército. O rei necessitava de uma personalidade como Clito, ele o tinha, mas ao passo que seu processo de orientalização se intensificou, acabou por perder seu companheiro que, por sua vez, preferiu manifestar seu ponto de vista opositor. É por isso que a análise de seu assassinato representa para nós, um ponto de inflexão para que Alexandre pudesse dar continuidade à adesão aos valores e costumes orientais. Do contrário, com a ausência destes, sua pretensão de uma escalada mitológica estaria ameaçada. Nessa compreensão, Clito concentraria a máxima síntese deste embate político-cultural, entre o rei e seu exército. Tal fato está enraizado no nascimento dessa rejeição no seio do exército macedônio que tem repulsa a esse processo de orientalização do seu rei. Clito exprime essa aversão, não somente com palavras na noite do assassinato, mas por tudo que sua imagem representa: sua ligação com as raízes macedônicas eram muito fortes, tão fortes a ponto do mesmo rejeitar a satrapia das terras orientais, ainda que de maneira informal.

“A querela de bêbados” tem muito mais a nos dizer do que parece relatado em Plutarco. Buscamos aqui retirar as camadas de tinta que encobriam o quadro do assassinato de Clito pintado pelo autor, tendo a ciência de que não esgotaremos o debate acerca dos contra-exemplos de Alexandre. Todavia reforçamos que o episódio sintetiza um ponto de conflito entre a imposição da postura autoritária/orientalizada de Alexandre *versus* a resistência desta postura que se concentra no seio do exército e é exprimida através da figura de Clito. Ora, quem mais preferível a realizar importante e ousada oposição, do que um dos melhores generais que a Macedônia possuía?

Chegamos a conclusão de que a morte de Clito se fez necessária para que Alexandre pudesse prosseguir com seu processo de orientalização, sem ter que bater novamente de frente com uma figura de tamanha representatividade. Não estamos aqui pretendendo julgar quais foram às intenções do ato de Alexandre, longe disso, mas queremos afirmar o peso historiográfico que este acontecimento teve nas entranhas de seu exército e as mudanças que acarretou na relação do rei com seus comuns. As tradicionais ideias do exército puramente macedônio precisavam ser superadas, ou morrer, como Clito, para que Alexandre pudesse enfim, aprofundar suas relações orientais, fosse inserindo aliados estrangeiros dentre as

falanges macedônias, dando treinamento militar para os jovens recém-incorporados, ou simplesmente se vestindo como um rei persa.

BIBLIOGRAFIA

Fontes ARRIANO. [*Anabase*] **Anábasis de Alejandro Magno**. Traduzido do inglês para o castellano por Alura Gonz (livros I ao VIII) e Ignacio Valentin Nachimowicz (livros VII e VIII). Copyright, 2012.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. São Paulo: Paumape, 1992.

PLUTARCO. **Alexandre o Grande**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2004.

Obras Gerais

BURN, A. R. **Alexandre e o Império Helênico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JOSÉ, Natália Frazão. **A construção da imagem do imperador Augusto nas obras de Velíio Patérculo, Plutarco e Suetonio**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2011.

MOSSÉ, Claude. **Alexandre, o Grande**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Sob as botas do império persa**. In: Dimensões - Vol.17. Espírito Santo: UFES, 2005, p. 105 -115.